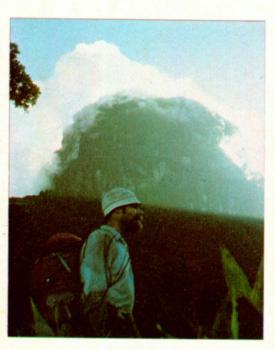


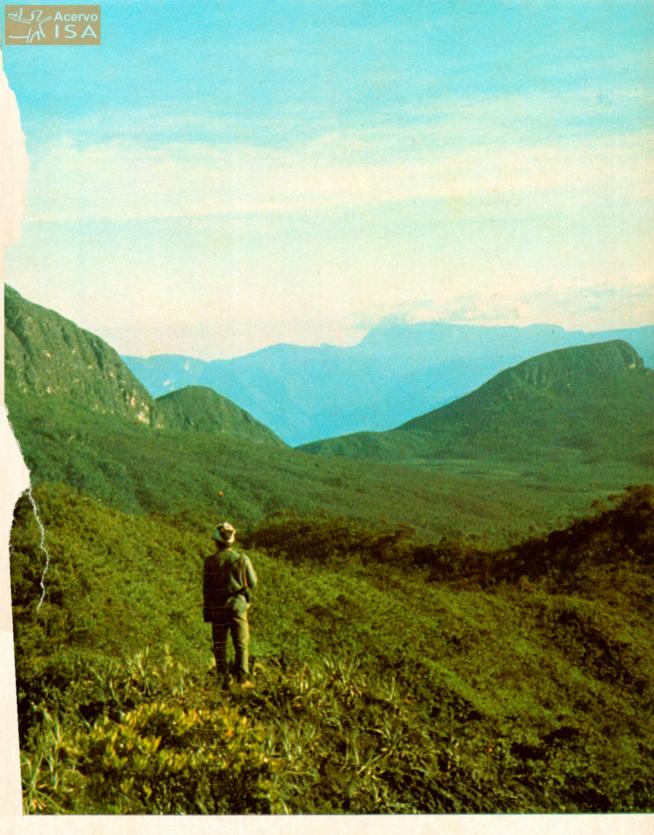
## Viagem ao Teto do Brasil

Texto e fotografias de ADALBERT K. KOLPATZIK



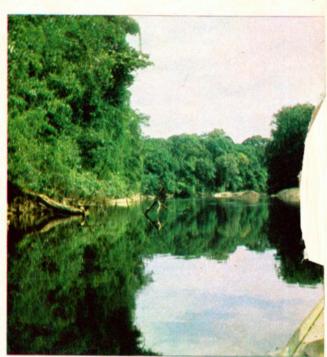
O dia 18 de fevereiro deste ano, três membros do Clube Alpino Paulista, Adalbert Kolpatzik — em cima, tendo ao fundo o pico da Neblina —, Galba Athayde e Michel Bogdanovicz, atingiram o ponto culminante do Brasil. Para levar avante esta aventura, foram necessários oito anos de estudos e preparativos, mas ao final lá estavam eles, fincando as bandeiras brasileira e do seu clube. Na foto ao lado, vista do pico 31 de Março, segunda montanha mais alta do país, numa das fases da expedição.

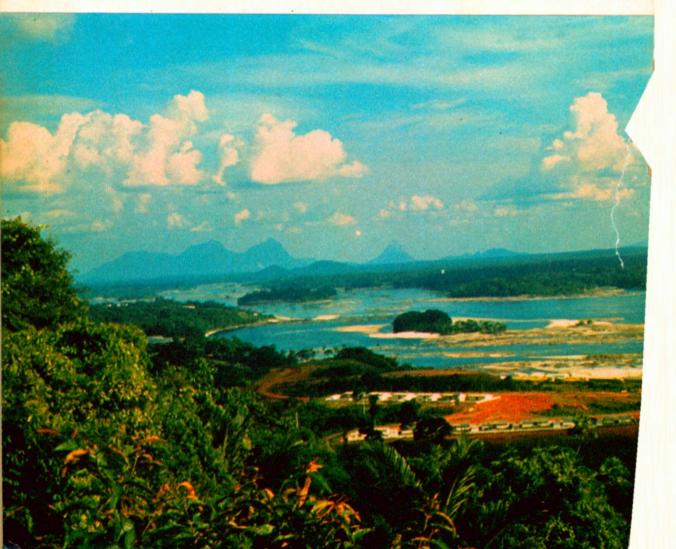








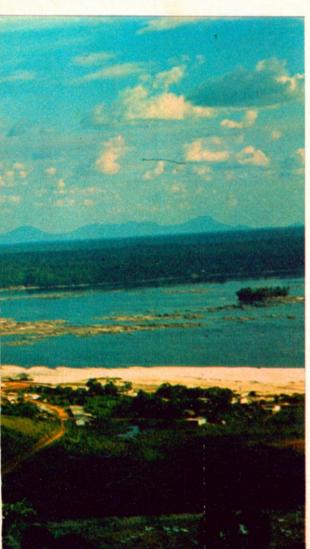








Saindo de São Gabriel da Cachoeira (foto embaixo). cidade de treze mil habitantes na margem esquerda do rio Negro, os três alpinistas seguiram em um caminhão do Primeiro Batalhão de Engenharia de Construção, até a sede desta unidade, às margens do igarapé Balaio. Daí, com três índios Korolari enviados pelo Padre Carlos Gatti. da Missão Salesiana de Maturacá, eles continuaram viagem pelo igarapé Balaio, e, descendo o rio Iá, afluente do Cauaburi, subiram depois este rio (foto ao lado) até alcançar o Maturacá, seu afluente.

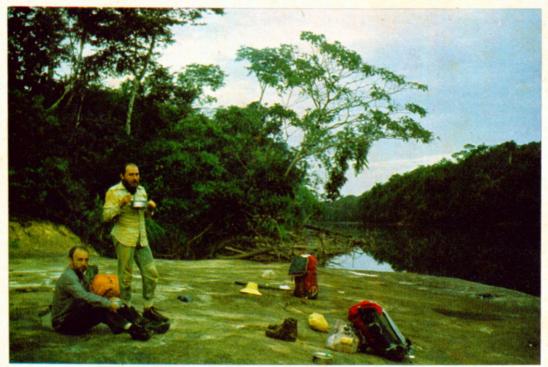


A aventura começou em São Gabriel da Cachoeira, no alto rio Negro, quando partimos em direção ao norte, num caminhão do 1.º Batalhão de Engenharia de Construção, numa madrugada de fevereiro. Éramos três componentes do Clube Alpino Paulista, e, em plena floresta amazônica, tínhamos um só objetivo chegar ao pico da Neblina, a mais alta montanha do Brasil. Esse projeto comecara a ser desenvolvido em 1971, pois, desde 1965, quando o pico foi descoberto pela Comissão Demarcadora de Limites. ninguém mais ali estivera. Situados na fronteira do Brasil com a Venezuela, os dois mais altos picos do Brasil - o da Neblina, com 3.014 metros, e o 31 de Marco, com 2.992, e a cerca de três quilômetros de distância um do outro constituíam um mistério que nenhum alpinista chegara a resolver. E lá estávamos nós, na esperanca de solucioná-lo.

Oitenta quilômetros distante de São Gabriel, já no hemisfério setentrional, chegamos ao quartel do 1.º BEC. às margem do igarapé Balaio, onde esperaríamos por Mateus, o guia índio enviado pelo Padre Carlos Gatti, da Missão Salesiana Maturacá, Mateus chegou com mais dois índios — Isabá e Ambrósio. Os três pertenciam à tribo Korolari, da nação Yanomami. Os Korolari vivem às margens do rio Maturacá, em duas aldeias próximas à Missão do Padre Carlos Gatti. Missionário italiano de sessenta anos, que há quarenta e cinco trabalha na região do rio Negro, o Padre Gatti vem há três anos exercendo missão pacificadora junto aos Korolari, depois que estes, revoltados por motivos ainda desconhecidos, ameacaram massacrar o seu antecessor, que teve que fugir. Hoje. Padre Carlos mantém excelente relacionamento com os caciques Paulo, Renato e Joaquim. Nas duas aldeias do Maturacá - e que se encontram em franco desenvolvimento devido ao auxílio que vêm recebendo da Missão - vivem quatrocentos e quinze pessoas. Calculase, no entanto, que entre os rios Negro e Orinoco existam de quinze a vinte mil índios Yanomami.

Chegamos à Missão no barco de Mateus, seguindo primeiro pelo igarapé Balaio, depois descendo até o Cauaburi através de seu afluente Iá e, daí, subindo aquele rio para alcançar o Maturacá, também seu afluente.





A viagem pelo igarapé Balaio foi cheia de percalços devido à sua pouca profundidade, com baixios e árvores caídas, o que muitas vezes obrigava os alpinistas a descer e empurrar o barco (foto ao lado). Em cima, o primeiro acampamento, erguido à margem do rio Cauaburi.

Passamos uma noite na Missão e, na manhã seguinte, descemos o Maturacá até o Cauaburi, acompanhando a serra do Imeri na direção leste. A viagem tornou-se mais difícil devido à pouca profundidade do rio naquele ponto, com pedras e bancos de areia que volta e meia nos obrigavam a pular na água para empurrar o barco, com o risco de sermos atacados por algum cardume de piranhas. No final desse dia chegamos ao rio Tucano, que nasce na serra do Imeri, próximo ao pico da Neblina. Deixamos nosso barco logo após a confluência do Cauaburi com o Tucano, e, equipados com o mínimo necessário para uma escalada, preparamo-nos para subir na manhã seguinte.

Depois de três dias de caminhada tínhamos subido somente mil metros da serra do Imeri. Como a floresta se apresentasse totalmente fechada, não nos era possível saber se estávamos no caminho certo do pico. Além do mais, não possuíamos mapa nem qualquer ponto de referência. Estávamos inteiramente entregues ao sentido de direção dos índios. A uma pergunta sobre como era o pico da

Neblina, eles nos disseram que não sabiam. Nenhum deles subira ao seu topo e, para atingi-lo, seria preciso vencer um paredão muito alto. Era a mesma resposta que nos dera antes um habitante de Uaupés, conhecedor da região do pico da Neblina.

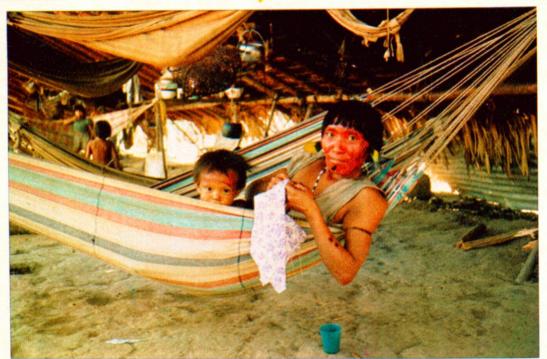
Chegamos a uma altitude de 1.280 metros, onde se havia instalado o acampamento-base em 1965. Foi aí que Mateus, inesperadamente, declarou que não continuaria mais, que era inútil prosseguir, pois ninguém conseguiria subir o imenso paredão que levava ao pico. Respondemos que tínhamos uma tarefa a cumprir e que estávamos bem equipados para essa escalada. Tentando um último argumento, Mateus disse que não queria ir porque lá em cima fazia muito frio. Mostramos-lhe então que trazíamos uma quantidade de agasalhos suficiente para todos nós. Mateus acabou concordando em continuar, enquanto Ambrósio e Isabá prometeram seguir no dia seguinte.

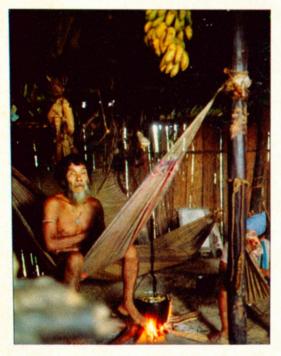
Depois de cinco horas de cansativa subida, num ângulo que variava entre cinquenta e sessenta graus, o mato come-











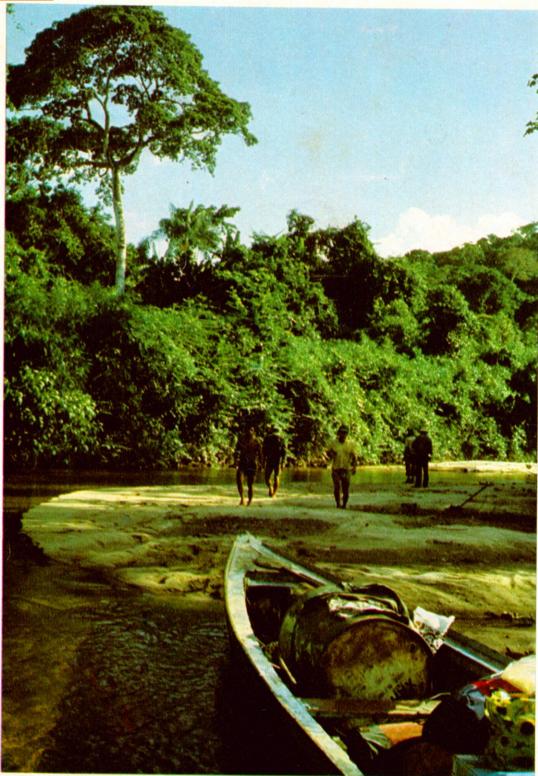
Próximo à Missão Salesiana, numa das margens do rio Maturacá, encontram-se as duas aldeias dos índios Korolari. Existem aí quatrocentas e quinze pessoas, embora a nação Yanomami, à qual elas pertencem, seja composta por cerca de vinte mil indígenas que vivem entre os rios Negro e Orinoco.

çou a rarear e, de repente, encontramonos num altiplano. E ali, diante de nós, imponente, estava o misterioso pico da Neblina. Por alguns segundos fez-se um silêncio total. Depois, começamos a gritar de alegria, esquecendo os três dias de viagem pela floresta virgem e, principalmente, aquelas últimas cinco horas em que vencemos mais de um quilômetro numa escalada quase vertical. E, como que a confirmar o nome, o maciço, que mais se assemelha a um enorme panetone, encontrava-se encoberto por uma tênue neblina. Foi uma visão inesquecível para todos nós.

Quinhentos metros adiante encontramos um pequeno obelisco no qual se viam inscritas duas palavras — de um lado, Brasil, e, do outro, Venezuela. Era o ponto de demarcação deixado pela comissão que lá estivera em 1965. Enquanto isso, a neblina foi se desfazendo, e o pico surgiu límpido e brilhante à luz dos últimos raios de sol. Resolvemos acampar ali mesmo.

Acordamos às sete e meia do dia seguinte. Ao sol da manhã, o pico da Neblina recortava um céu sem nuvens. E, pertinho dali, o 31 de Março dava a impressão de se encontrar ao alcance da mão, embora estivesse a três quilômetros de distância. Lá embaixo, o mar verde





Toda amarrada com cipós e sem um prego sequer, uma ponte (foto ao lado) construída pelos índios Korolari sobre o rio Maturacá liga a sua aldeia à Missão Salesiana. Em cima, chegada dos alpinistas ao rio Tucano, um afluente do Maturacá que nasce próximo ao pico da Neblina.







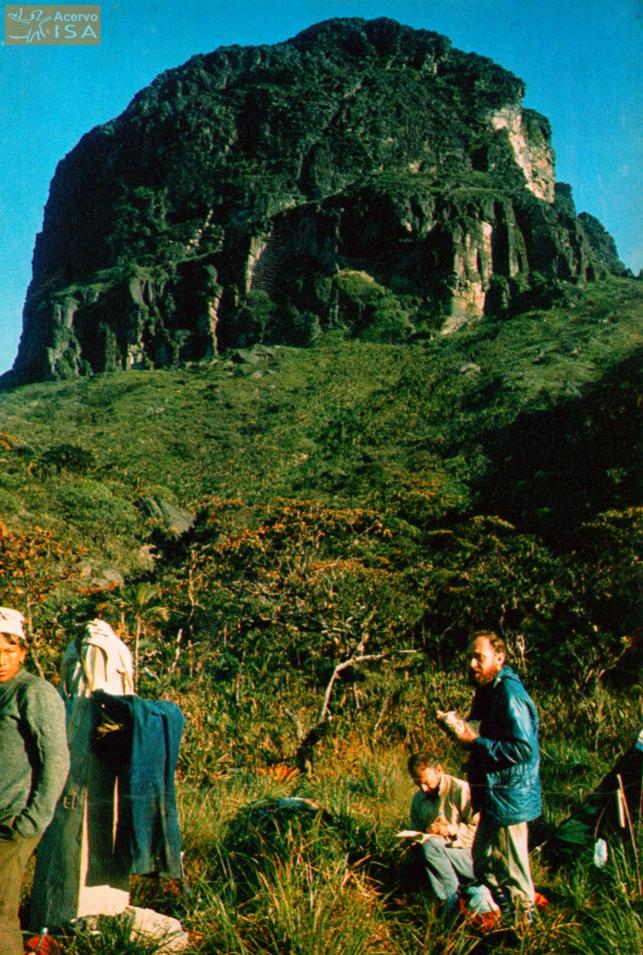
Depois de deixar o barco na confluência do Maturacá com o Tucano, os alpinistas caminharam pela floresta, seguindo, em parte, o curso deste último rio (foto em cima). Na página ao lado, o ponto de demarcação Brasil-Venezuela, aparecendo o pico da Neblina.

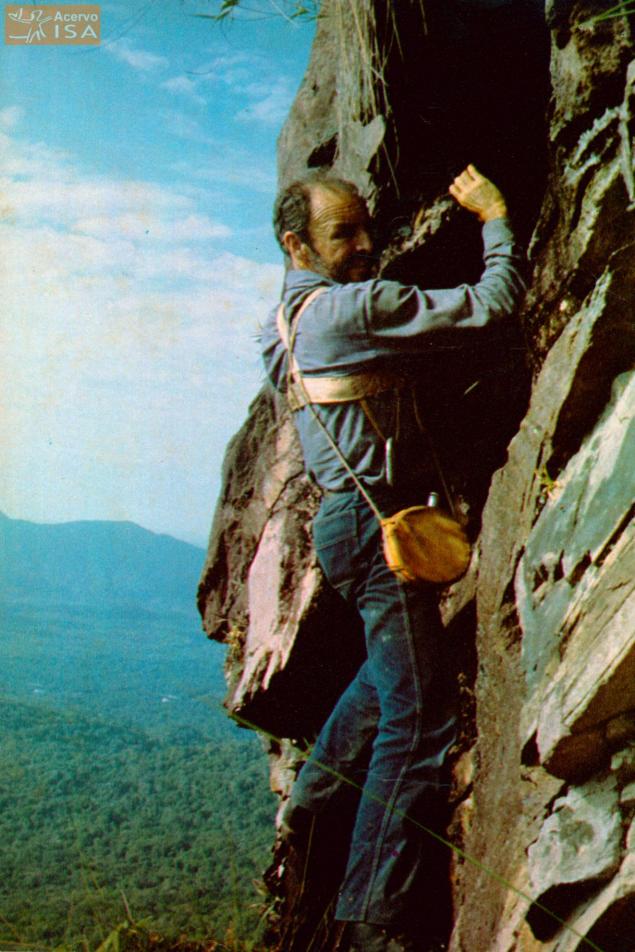
formado pela floresta amazônica perdiase no horizonte. Preparamo-nos para escalar a etapa final do pico que, visto de baixo, parecia formado por três terraços.

Isabá saiu na frente, cortando o mato fechado, mas mesmo com o fação afiado pouco progredimos na primeira meia hora. Finalmente ele declarou que não era possível varar aquela selva. Aborrecidos pelo tempo perdido, pois o sol já ia alto, tentamos mostrar-lhe como devia cortar o mato. Realmente, a barreira que nos separava do pico era das mais difíceis de ultrapassar. Havia enormes touceiras de bambu e o chão estava coberto por uma camada de humo de mais de um metro de espessura, por baixo da qual blocos de pedra formavam gretas onde se poderia torcer um pé ou até mesmo quebrar uma perna. Nessa altura, Mateus começou novamente a dizer que ele e seus companheiros, que já nos haviam alcançado, não seguiriam conosco e voltariam para o lugar onde se encontrava o barco. Tornamos a discutir o assunto e

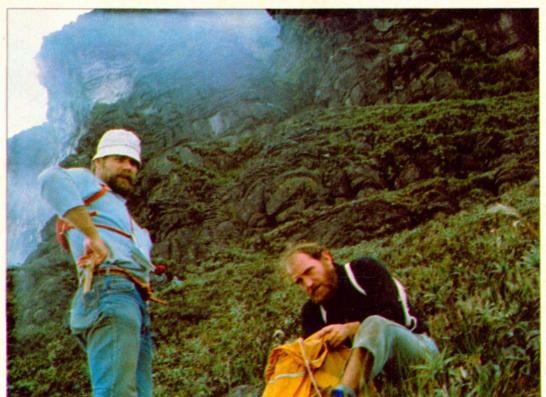
ele acabou concordando em que nos esperariam na altura dos 1.380 metros.

Continuamos a subida sozinhos e preocupados, receando que os três índios não nos esperassem para a volta. Levamos duas horas e meia para chegar ao sopé do pico. Encordoamo-nos e começamos a escalada. Subimos quarenta metros, mas o paredão mostrava-se cada vez mais difícil - cerca de quatro a cinco graus na escala internacional de dificuldade -, e, com os poucos pregos que levávamos, a escalada tornava-se muito perigosa. Desistimos de continuar por aquele lado e seguimos através do mato até o lugar que havíamos escolhido como segunda opção. Subindo por uma formação de rochas mais fácil, alcançamos rapidamente o primeiro terraço. Entramos numa chaminé e, como a escalada ficou mais difícil, tivemos que usar a corda. Até ali ia tudo bem, mas estávamos cheios de tensão e ansiosos por chegar ao misterioso paredão que nos levaria ao topo. O relógio já marcava quinze horas e, segundo o altí-









metro, faltavam ainda cento e cinquenta metros para chegarmos ao cume. A neblina não nos permitia enxergar além de trinta metros. Apressamos a subida, nervosos por não encontrar o paredão. De repente, chegamos a um ponto onde já não havia mais o que escalar. A neblina se abrira e, ao olharmos em torno, fomos tomados de uma alegria irreprimível. Estávamos no topo da mais alta montanha do Brasil — o pico da Neblina, com seus 3.014 metros de altitude. Eu, Galba e Michel éramos os primeiros membros de um clube de alpinismo a executar essa façanha. Encontramos os restos de uma placa da Comissão de Demarcação de Limites e uma placa da Venezuela fixados numa pedra. Depois de improvisar uma bandeira do CAP e de hastear a bandeira brasileira, resolvemos descer, pois a neblina acabou por nos envolver totalmente e já não conseguíamos ver mais nada em volta. Descemos rapidamente ao encontro de Mateus, Isabá e Ambrósio. Combinamos não lhes dizer que havíamos atingido o pico, pois não queríamos que eles soubessem que tínhamos invadido a morada de Poré. o espírito sagrado dos Yanomami.



A subida ao pico da Neblina foi feita apenas pelos três alpinistas. Os índios que serviam de guias recusaram-se a seguir com eles, por ser o pico a morada de Poré, o espírito dos Yanomami. A esquerda, Galba Athayde subindo; ao alto, na chegada ao primeiro terraço, Adalbert e Michel, que aparecem também, no alto do pico, com a bandeira do Brasil.